



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**CRISTINA VALÉRIA FLAUSINO (Anhembi Morumbi)**

## ***Uma proposta comunitária: a Rede Globo pode ter uma?*<sup>1</sup>**

Esse estudo utiliza a TV Vanguarda Paulista, emissora afiliada da Rede Globo, em São José dos Campos, São Paulo, como modelo de observação da proposta de um telejornalismo comunitário pela emissora. O modelo, que busca se aproximar da comunidade, refletindo seus problemas, traz consigo mudanças no fazer telejornalístico que provocam inquietação nos estudiosos da prática jornalística da televisão. Ao resgatar parte da história da emissora, até a fase atual, a TV se ocupa de oferecer cobertura aos fatos da região, procurando estreitar seus vínculos com o público, por meio dessa proposta. Até que ponto uma emissora afiliada de uma grande rede como a Globo é capaz de desenvolver uma idéia comunitária, é a principal indagação desse trabalho, que capta tentativas de revisão do modelo ao perseguir a idéia de quebrar com padrões tradicionais da prática jornalística de televisão.

### **Introdução**

Neste estudo, falamos de televisão, de telejornalismo e das rotinas de produção da notícia na TV. Falamos de jornalismo regional e da tentativa de construção de um telejornalismo comunitário, tendo como referência uma emissora regional da Rede Globo, a TV Vanguarda Paulista, na cidade de São José dos Campos, São Paulo. Trata-se de uma TV que se ocupa de incluir na pauta diária dos seus telejornais o buraco na rua, num contraponto ao telejornalismo que apenas se ocupa das grandes questões. O estudo nos revela, principalmente, que a sociedade é capaz de produzir mudanças profundas na sua realidade, quando está organizada.

### **A construção das idéias**

A TV Vanguarda Paulista é uma emissora localizada entre duas das maiores capitais do estado, São Paulo e Rio de Janeiro. Fica em São José dos Campos, no Vale do Paraíba, região historicamente importante e de acentuado desenvolvimento econômico. De antiga passagem dos tropeiros que escoavam o ouro das Minas Gerais

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



para o porto de Parati, o Vale é cortado pela Via Dutra, uma das principais estradas do país no escoamento da produção industrial brasileira. Por sorte, também é caminho para as praias do litoral Norte paulista e para as cidades serranas da Mantiqueira. É nesse universo, que mescla desenvolvimento industrial, ciência e tecnologia, tradição, religiosidade e hábitos de vida ainda muito rudimentares que a TV se movimenta, tentando se ocupar das grandes e das pequenas narrativas que caracterizam os espaços onde as pessoas vivem e fazem suas histórias<sup>1</sup>.

Por meio de uma programação regional, num contraponto à globalização que marca esse momento da história das sociedades contemporâneas, o principal compromisso dessa emissora é oferecer ao público da região uma programação jornalística que permite que as pessoas possam se ver na TV, saber que fatos estão se sucedendo, que problemas afetam a comunidade. São alguns minutos diários onde o “morador da planície” pode saber o que aconteceu na sua cidade e região, exigindo da emissora constantes esforços a fim de vencer obstáculos como as distâncias e o tempo, sempre tão velozes – e fugazes – na televisão. São aproximadamente dois milhões de telespectadores, numa área de cobertura que abrange 46 municípios, cada um com suas particularidades e próprios conflitos, embora toda a região se mantenha unida por laços históricos e partilhem solidariamente problemas, soluções e esperanças. O espaço geográfico, o parentesco, a proximidade, os interesses comuns fazem do Vale uma grande comunidade, da qual a TV busca ocupar-se, embora possa só oferecer os contornos fragmentados de múltiplas realidades, característica da sua própria condição, de veículo que extrai e recontextualiza o fato.

A TV de hoje coloca no ar diariamente cerca de uma hora e 40 minutos de programação local, a maior parte desse tempo voltada para a exibição de dois telejornais, programas culturais e esportivos. Oportunamente, oferece ao público produções especiais, documentos que resgatam resquícios da história da vida das gentes

---

<sup>1</sup> CHAPARRO, Manuel Carlos. *A Imprensa regional deve ter a arte de humanizar*. GrandAmadora, Amadora, 1999, p. 6.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

e das cidades valeparaibanas. No entanto, perseguindo as tendências do telejornalismo moderno, procura agilidade na cobertura regional.

Assim, dada às dimensões regionais e a necessidade de vencer tempo e distâncias, nem sempre lhe é possível aprofundar-se nos conflitos e dramas sociais, o que certamente é um contraponto à sua atuação. De onde se idealiza um espaço de recriação, de contestação, de geração de possibilidades e esperanças, de diálogo, de comunicação, se extrai apenas recortes, frações – e nem sempre com a abrangência que dela se poderia desejar. Um universo que parece comportar apenas aqueles conflitos observáveis do alto das varandas, segundo nos diz Chaparro.

Há pouco tempo e espaço para os conflitos que estão na base das planícies, local das múltiplas realidades, o que problematiza as tentativas de compreensão do fenômeno. Sob essa perspectiva, o jornalismo regional de televisão parece pouco se diferenciar da grande imprensa, não se deixando absorver pela realidade local e pouco interagindo. Assim, impõe a sua presença. Mas, nem sempre se porta e demonstra ser um corpo sem alma. Há lampejos de consciência, expressos em falas, em sons, em imagens que revelam pulsação e vida. Longe de ser um local de contestação, o que se esperaria de uma emissora regional e de caráter comunitário, aos poucos é possível reconhecer, aqui e ali, atores sociais representados pelas figuras do cotidiano.

É justamente a proposta de um telejornalismo comunitário que lhe redime dos pecados. Por meio dela, a TV faz surgir no cenário a dona de casa, o operário desempregado, o jovem drogado ou doente, os problemas da falta d'água, de vaga nas escolas, de médico nos postos de saúde, o problema do aumento de preço no arroz e feijão de cada dia; surge o desabafo, o lamento, a indignação e, eventualmente, as respostas e soluções.

A TV não pode mais ignorar esses apelos e aos poucos eles – os atores sociais - vão surgindo no cenário. Não estão todos lá, nem ao mesmo tempo, mas não podem mais ser ignorados porque conquistaram expressão e têm força. Eles estão enlaçados por



interesses comuns e formam uma grande comunidade. E, é dela que a TV precisa extrair a substância que lhe garante viver; é da comunidade que sai o tônico capaz de lhe assegurar a supremacia que tanto persegue.

## Jornalismo regional: espaço para as ações humanas

Ao analisar o modelo da TV Vanguarda Paulista, refletimos o conceito de **jornalismo regional**. Nas suas lúcidas reflexões, Chaparro<sup>2</sup> também demonstra ter se inquietado com a questão: “para que serve um jornal regional?”. Segundo ele, “serve para a tarefa tão simples e tão complicada de nos limites e na complexidade da sua abrangência geográfico-cultural, socializar idéias e ações humanas que por causa da vida fazem história e por causa da história fazem a vida”.

Chaparro distingue a imprensa regional da grande imprensa como “o topo” e a “base”, embora trafeguem no mesmo campo da organização dos relatos e comentários da atualidade, tentando imprimir-lhes ordem e sentido.

A diferença, segundo o autor, é que a grande imprensa, que está no topo, olha o mundo de “uma varanda de observação”, de onde não pode ver a dinâmica da vida que está na base geográfica – local onde a vida acontece. “Olha para cima, e por cima, numa abstrata perspectiva nacional, às vezes pretensamente universal”. Segundo Chaparro, cuidando apenas do que está no topo, já que nele também se insere, e isso é importante, porque é lá que se *decidem* as questões da coletividade.

Porém, é na “planície da realidade humana, no espaço concreto, organizado, onde as pessoas vivem ou pela vida lutam, é que ocorrem os conflitos da subsistência humana”, constituindo-se, portanto, o terreno pelo qual o jornalismo regional se desenvolve, na tentativa de “garantir aos protagonistas locais que cheguem a um bom

---

<sup>2</sup> CHAPARRO, Manuel Carlos. *A Imprensa regional deve ter a arte de humanizar*. GrandAmadora, Amadora, 1999, p. 6.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



termo para os conflitos que produzem ou em que se envolvem, na luta por viver ou fazer história”.

Não sem desafios, como resistir à tentação fácil de reproduzir, na imprensa regional, o modelo da imprensa nacional (porque nas regiões de planície também existem os topos). O jornalismo da grande imprensa “é feito dos discursos institucionais, os protagonistas estão no poder, o enfoque inevitável é da dicotomia entre situação versus oposição”. Já o poder da imprensa regional está na possibilidade de introduzir o homem nas suas narrativas. de dar espaço aos personagens e todas as suas histórias. Talvez por isso ela nos pareça tão rica e estimulante.

### A proposta comunitária do SPTV

O SPTV é hoje o principal produto das emissoras regionais da Rede Globo em todo o país. A proposta do telejornal é aprofundar a idéia de um telejornalismo comunitário, que se ocupe das questões que afetam mais diretamente a vida da população. Neste sentido, o telejornal se transformou numa espécie de laboratório para inovações, tentativas de aproximação com o público. As mudanças mais visíveis ocorreram no formato do telejornal, sendo esse o aspecto que mais nos chamou a atenção, pois insinuam mudanças no fazer telejornalístico, passíveis de estudo por parte daqueles que se interessam pela prática e pela rotina de trabalho das redações de TV.

O atual modelo estreou em março de 1998. Considerado bastante arrojado, tanto no formato quanto no conceito editorial, incorpora uma série de mudanças perceptíveis até mesmo ao telespectador comum: a linguagem é coloquial, fácil de ser assimilada; a reportagem pode ganhar tom de brincadeira, ironia ou de bronca; os entrevistados, em geral gente comum, ficam mais tempo no ar, muitas vezes ao vivo; as autoridades falam, mas estão sujeitas as pressões, quando não são acuadas; os temas parecem atingir mais de perto os problemas da dona de casa ou de um trabalhador comum e os apresentadores, quase sempre um casal, parecem estar na sala de visitas de



um dos milhares de lares onde o telejornal entra todos os dias, tal a informalidade com que tratam os assuntos, trocam idéias entre si e se dirigem ao público. Nada – ou muito pouco – lembra o formato rígido que ainda hoje caracteriza noticiários como o Jornal Nacional da Rede Globo, cuja estrutura é considerada “engessada”: a construção dos relatos é sempre muito parecida do ponto de vista da edição, os repórteres são sujeitos de atitude contida, a apresentação é fria, quase impessoal, distante ou eventualmente dramática. Além disso, telejornais nacionais só se ocupam das questões do “topo”.

O exemplo mais evidente em desenvolvimento e que serve de modelo para os demais telejornais regionais é o SPTV apresentado pela TV Globo São Paulo, canal 5. Um dos primeiros estudos sobre o modelo foi realizado por Vieira Júnior (2000). Ele diz que o conceito editorial inaugurado pelo telejornal exigiu, em primeiro lugar, mudanças: “Novo cenário, novos quadros, participação popular, debates, outros critérios de edição, convidados especiais”. Ao se referir à proposta de um jornalismo comunitário, demonstra surpresa: “ (...) justamente uma das maiores redes de televisão do mundo (...) hoje corre atrás de um público que até então não tinha espaço na rede carioca”.

Ele observou que a Globo reformulou o seu telejornal a fim de encontrar uma maneira de “falar com o povo que fosse popular sem ser popularesca” – essa última idéia mais próxima dos programas que são sucesso de audiência, no estilo das novelas mexicanas, programas de auditório ou telejornais que mostram cadáveres e outros horrores. No modelo do SPTV, o popular se traduz nos quadros “Fiscal do Povo” e no “Bronca”, ou ainda por meio de matérias de comportamento, onde os paulistanos são vistos com bom humor, mesmo quando usam o carro para ir buscar pão na padaria da esquina ou quando são flagrados “roubando” saquinhos de supermercado.

É esse papel, o da manifestação de interesses e do incentivo à participação, que vem sustentando a proposta de um *jornalismo comunitário* dentro de um meio massivo como a Globo. Quer as mudanças sejam resultados da pressão pela audiência, dos



números do IBOPE ou de qualquer outro fenômeno, o SPTV tem se revelado um meio que procura dar voz às grandes comunidades que vivem nas cidades brasileiras.

Foi na tentativa de tornar o telejornal não só acessível ao grande público, mas também um instrumento de reivindicação, que a Globo São Paulo optou por abrir espaço para o homem da periferia abandonada e, ao mesmo tempo, ser um canal aberto para um diálogo entre o morador e a autoridade (...) o que se pode perceber é que a emissora apostou nas questões cotidianas do cidadão comum (...) para fazer um telejornalismo crítico e preocupado com a realidade de uma metrópole. (Vieira, 2000:114)

### O que a Globo faz pode ser chamado de comunitário?

Precisamos perguntar à própria Rede Globo o que é comunitário. Esta questão permeou toda nossa investigação. Para o jornalista Levy Soares<sup>3</sup>, responsável pela implantação do conceito de jornalismo comunitário na TV Vanguarda Paulista, *“trata-se de uma proposta inovadora de se cobrir o dia-a-dia das cidades, promovendo uma reflexão principalmente sobre o posicionamento dos meios de comunicação, particularmente da televisão, no trato de questões essenciais da comunidade”*.

Segundo ele, em nome da parcialidade, sempre se manteve a conduta de ouvir as duas partes e lavar as mãos. “A comunidade reivindica, o poder público promete resolver, e nunca mais é cobrado. Se uma comunidade está sem água, sem luz, sem posto de saúde, ou sem escola, os meios de comunicação têm o dever de expor o problema até ele ser resolvido, ou então a denúncia inicial vira apenas pirotecnia, sem nenhum comprometimento sincero com a comunidade, talvez sem nenhuma consequência, a não ser realçar a distância entre os que detêm o poder - inclusive o da informação - e o cidadão. Quisemos saber também quais os princípios norteadores da proposta comunitária da Rede Globo

---

<sup>3</sup> Levy Soares foi responsável pela implantação do atual modelo do SPTV na TV Vanguarda Paulista, em 1998. Atualmente é editor do Globo Rural.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



*A prática relativamente recente dessa forma de telejornalismo está revelando a enorme deficiência de boa parte dos serviços - públicos e privados - no Brasil. Mas a questão não é apenas revelar, e nisso há muita diferença, mas cobrar, apontar rumos, contextualizar, estimular a discussão, ajudar a resolver problemas e tentar promover avanços qualitativos de todas as partes - inclusive do próprio jornalismo. Trata-se de abrir um espaço dentro de um processo avassalador de globalização, onde se tenta manter elos essenciais à preservação de identidades ou para transformações mais sensatas e conseqüentes. Utopia?*

## A proposta trouxe mudanças no fazer telejornalístico

Enquanto nos debatemos com a questão sobre ser ou não uma autêntica proposta comunitária, pudemos observar de outro lado que o novo modelo do SPTV proporcionou a possibilidade de quebrar com o modelo tradicionalmente utilizado pelo jornalismo de televisão. Ao mesmo tempo em que a proposta sugere um aprofundamento das questões locais, oferece aos jornalistas – os desafia – a repensar a prática jornalística, com a descoberta de novas formas de se contar as histórias cotidianas, a partir de experimentos menos rígidos e formais, orientando-nos no sentido de tentar apreender como, do ponto de vista dos formatos, a proposta comunitária vem mudando o modelo tradicional de telejornalismo – sendo esse um dos aspectos mais intrigantes desse estudo.

A notícia – relato que deveria olhar para a realidade respeitando-lhe suas características singulares – no telejornalismo, assume sempre os mesmos formatos, ou seja, os processos de escolha do que é notícia, da sua forma de abordagem pela reportagem e do tratamento que recebe durante a edição e, finalmente, na apresentação, na proposta comunitária vem acompanhado de tentativas de se “quebrar o gesso”: repórteres, editores e apresentadores se permitem criar novas possibilidades de narração



das histórias cotidianas. “A proposta comunitária nos obriga a sair da mesmice”, diz o jornalista Ivan Rodrigues<sup>4</sup>, da TV Tribuna, da cidade de Santos.

Não sem esforços e erros. “É difícil quebrar com uma fórmula repetida há tanto tempo e que, bem ou mal, sempre deu certo”, diz Cláudio Marques<sup>5</sup>. Segundo ele, o principal desafio dos editores é evitar a repetição dos formatos. “Às vezes somos obrigados a reconhecer que o modelo que conhecemos é a melhor forma de contar uma história. Mas perseguimos a idéia de sermos originais e criativos nessas construções”.

Já para a gerente de jornalismo da TV Vanguarda Paulista, jornalista Terezinha de Almeida, há um anseio em se descobrir novas formas para se contar as histórias do cotidiano. “Um dia nunca é igual ao outro e o que estamos buscando é que nossos jornais sejam tão atrativos quanto a própria realidade”, diz.

O que chama de fato a atenção sobre o modelo e abre novas possibilidades é o tempo mais longo dos telejornais, uma dependência menor da pauta e da produção, a ampliação de espaços de entrevistas e participações ao vivo, a entrada de repórteres ao vivo e “audácias” como colocar no ar material bruto, sem edição, como essa pesquisadora teve a oportunidade de constatar durante a realização da pesquisa. O telespectador também já pode observar esse procedimento: imagens colocadas no ar, após uma breve seleção, e o apresentador fazendo a narração sem script ou *teleprompter*. Conceito em fase embrionária, a idéia permite narrativas informais e construções menos rígidas.

Outra característica do novo modelo é contextualizar a informação. “Quando noticiamos uma chacina, procuramos em seguida tratar também as questões que estão

---

<sup>4</sup> Ivan Rodrigues é jornalista, editor executivo da TV Tribuna, emissora afiliada da Rede Globo, em Santos-SP. Há mais de 20 anos na emissora, vem implantando o modelo comunitário naquela TV.

<sup>5</sup> Cláudio Marques também é editor executivo da Rede Globo. Na época encontrava-se na TV Vanguarda. Hoje é editor do SPTV da TV Globo São Paulo.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



em torno desse fato. Ele não é um fato isolado, está dentro de uma realidade que precisa ser vista e discutida”, diz Marques.

### A apresentação reforça novo conceito

A mudança no conceito de apresentação é outra ‘novidade’. “Quem viu o São Paulo Já, no último dia 3 de março, teve a oportunidade de assistir a um dos momentos mais excitantes do telejornalismo recente”, escreveu Luiz Roberto Serrano<sup>6</sup>, a propósito de uma entrevista que o apresentador Carlos Nascimento conduziu sobre aumento nas mensalidades das escolas particulares (...) “um diálogo tenso e esclarecedor que durou longos seis minutos e 46 segundos, um tempo enorme em matéria de televisão. Quem viu a entrevista ficou de alma lavada”, disse o autor.

A entrevista a qual Serrano se refere aconteceu cinco anos antes da implantação do atual projeto do SP-TV, porém representa bem esse processo de amadurecimento pelo qual o telejornalismo brasileiro pode estar passando. “A retomada da democracia inevitavelmente libertou a televisão e favoreceu a procura por novos modelos informativos” (Squirra, 1993:125).

Até bem pouco tempo, a apresentação dos telejornais se resumia à leitura das notícias, com grande distanciamento e uso de técnicas como a imposição de voz. Uma característica que veio do rádio, pela própria história da TV no Brasil, acentuada pelos anos de censura e até pelo conceito de imparcialidade. A apresentação era um processo de locução, como se o apresentador fosse um ator. Cid Moreira foi contratado pela sua boa aparência e bela voz, era um “atrativo” para o público feminino que ficava ligado na TV esperando as novelas (Rezende, 2000). Hoje, segundo o próprio Carlos Nascimento, “o futuro do jornalismo está no trabalho de equipe e na ancoragem interpretativa e não opinativa”.

---

<sup>6</sup> SERRANO, Luiz Roberto. De alma lavada. *Imprensa*. Ano VII, março de 1994. Encarte especial, p. 7.  
1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



As mudanças que vimos observando chamaram a atenção de Squirra (1993). Interessado em investigar a adaptação do modelo americano de apresentação ao nosso jornalismo, ele viu que a fórmula da Rede Globo se preparava para mudanças, para um tipo de apresentação que “pergunta mais e opina menos” (p. 126). Para tanto, foi necessário fazer uma mudança significativa: trocar os velhos apresentadores “de rádio” por jornalistas.

Foi o que aconteceu no dia primeiro de abril de 1996, quando depois de 27 anos no ar, Cid Moreira deixava de apresentar o Jornal Nacional. “Foi o primeiro passo no sentido de substituir apresentadores que se limitavam a ler as notícias por jornalistas que também atuavam como editores, aproximando-os do estilo das âncoras do telejornalismo norte-americano”, como observa Porto (2000).

Segundo ele, a mudança seria decorrente ainda de fatores como o declínio crescente dos índices de audiência da emissora e um necessário processo de “modernização”, com a adoção do âncora, seguindo a tendência norte-americana. Numa época que o SBT vinha conseguindo bons pontos de audiência com seu telejornalismo, tendo como figura central Boris Casoy. A pressão da concorrência também teria contribuído para as mudanças.

Para Rezende (2000), as mudanças tiveram um significado mais profundo, fundando-se em razões editoriais, como “a valorização da presença dos jornalistas na busca para assegurar maior credibilidade ao noticiário” (p. 172). Atualmente, todos os telejornais da Globo são apresentados por jornalistas, que acumulam as funções de apresentadores e editores.

Já os jornais como o Bom Dia Brasil adotaram um estilo “misto”: a apresentação das notícias é formal, mas há espaço para entrevistas, inclusive com uma “sala de visitas” ao lado da bancada; são comuns os “bate papos” entre os apresentadores, troca de idéias com os âncoras que estão em São Paulo ou em Brasília,



eventualmente brincadeiras e comentários pessoais, como o vinho preferido de um e o estilo de vestir da outra.

Para Squirra (1993), esse modelo de apresentação foi copiado dos Estados Unidos, onde desencadeou muitas críticas. “A procura pelo que mais interessa à população, produziu nos telejornais algumas “novidades” que foram fortemente atacadas pelos críticos e pesquisadores”. Segundo ele, a mudança mais importante foi a tentativa dos apresentadores de passar felicidade, bem estar e tranquilidade: (...) eles [os apresentadores] se apresentam muito bem vestidos e jovialmente dispostos. A intenção é a de representar uma pessoa de bem com a vida (...) riso fácil e conversa descontraída entre o âncora, o apresentador de esportes e o homem do tempo” (p. 58).

No entanto, os apresentadores têm mais liberdade, buscam expressar aquilo que o telespectador gostaria de ouvir ou de perguntar. É um jornalismo que demonstra uma conexão com a sociedade. Foi isso que Serrano quis dizer quando escreveu que a entrevista de Nascimento “lavou a alma”, ao passar um veemente e longo sabão no entrevistado.

Esses episódios e as mudanças às quais temos nos referido neste relato têm dado origem a um posicionamento muito diferente nos telejornais das praças, como são chamados os jornais apresentados pelas emissoras da Rede Globo e que prevaleceu por longo tempo. No modelo estudado, já se vê manifestações como a que aconteceu em novembro de 2000, quando a TV Vanguarda Paulista deu ampla cobertura a uma campanha da população de Jacareí pela paz, logo após uma série de ocorrências violentas, culminando com uma chacina que deixou dez adolescentes mortos, inclusive uma menina grávida.

A cidade realizou um ato público, mobilizando centenas de pessoas. No dia da passeata, a emissora apresentou o SPTV ao vivo daquela cidade, tendo sido ancorado pelo jornalista Carlos Abranches. Num dado momento, ele perguntou aos



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

telespectadores: “você que está em casa, assistindo essa passeata pela paz, não acha que também tem responsabilidade sobre toda essa violência que está tomando conta das nossas cidades?”.

Segundo a direção de jornalismo da TV, a emissora recebeu dezenas de cartas, emails e telefonemas, elogiando a atitude do apresentador.

“É uma apresentação humanizada, eu sei do que estou falando, conheço os problemas das cidades. Fui repórter mais de cinco anos, agora sou editor e apresentador. Acompanho a produção da notícia, ajudo a decidir a pauta, sei quais são as matérias do dia, converso com os colegas e as chefias as questões mais polêmicas e, muitas vezes, me sinto na obrigação de dizer algumas coisas”, diz Abranches.

## Conclusão

Essas mudanças não poderiam se concretizar se não estivesse por trás o conceito de um telejornalismo interpretativo, menos burocrático, mais comprometido com a comunidade. No fundo, “quebrar o gesso” pode ser compreendido pela possibilidade de aprofundamento das abordagens, de tempo aos entrevistados para falar, dos microfones abertos às vozes populares.

Formas que revelam um jornalismo mais cru, que propõe ao próprio jornalista repensar sua prática: que a pauta busque escapar das informações que chegam dos escritórios especializados em produzir fatos noticiáveis, que o editor se liberte do condicionamento da construção de relatos de dentro de uma ilha de edição; que o repórter, narrador de notícias ou o apresentador, de simples “ledor”, passe a uma posição menos cômoda, de praticar um jornalismo interpretativo, analítico, crítico, capaz de ampliar visões ao invés de fragmentá-las.

Se essa prática pode ser chamada de “comunitária” é o que ainda nos inquieta. Acostumamo-nos a entender comunitário como aquilo que vem da comunidade, que



nasce dela, que se realiza no seio dela. Há os taxativos, como Squirra<sup>7</sup> para quem nada do que a Globo faz é comunitário. Para ele, “*o conceito de comunitário deveria ser empregado na comunicação capaz de assegurar o direito de expressão dos grupos sociais sem voz, de multiplicar essas vozes, de permitir a mão dupla, a expressão individual e coletiva de problemas localizados. Comunitário é a garantia de levar para a esfera pública as demandas sociais amordaçadas*”.

Peruzzo (1998) de certa forma reforça essa idéia. Para a autora, a comunicação de massa, com políticas orientadas para o lucro, em defesa de classes dominantes, está no outro extremo da comunicação popular, que embute o conceito comunitário, cujas formas são extremamente simples, até mesmo rudimentar, sem o domínio de técnicas, fins lucrativos, articulada por grupos que estão na base da pirâmide social. Outro pesquisador que contribui para essa abordagem. Para Valdir Bofetti<sup>8</sup>, o espaço comunitário “é onde os cidadãos podem exercer a opinião, o debate de idéias, a participação na busca e definição de problemas”.

No entanto, a própria Peruzzo (idem) nos oferece a possibilidade de aprofundar essa reflexão ao fazer uma revisão da postura de oposição entre meios populares e massivos, em função das mudanças que ocorrem na sociedade, em especial a partir da década de 90. “Apesar de campos de conflito e de possuírem suas especificidades, as mídias convencionais começam a incorporar metas e linguagens antes restritas ou acessíveis apenas aos meios alternativos (128-129)”. Segundo ela, por iniciativa própria ou por pressão da sociedade. Além disso, prossegue, muitos autores estão tentando mostrar que a grande mídia é poderosa, mas não onipotente e que os dois meios podem ser complementares e não excludentes. (idem, *ibid*)

Assim, oferece uma conclusão que podemos assimilar: “Há que se reconhecer o grande poder da mídia e sua manipulação, prioritariamente, a serviço dos interesses

---

<sup>7</sup> Squirra, Sebastião. SDT. A transcrição se refere a uma palestra do autor, cujas anotações são da autora.

<sup>8</sup> BOFETTI, Valdir. *TV Comunitária: Desafios e Perspectivas*. V Regiocom. Rio Claro, SP. Julho de 2000, mimeo.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

das classes dominantes, mas nem por isso ela deixa de dar sua contribuição ao conjunto da sociedade” (p.131).

Isso nos permite fazer um “ajustamento” a proposta comunitária do SPTV: a despeito das características do veículo, que serve às classes dominantes, abrem-se brechas para a formação de uma consciência crítica. A qual esperamos, sinceramente, não se tratar somente de uma grande ilusão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFETTI, Waldir. *Cenários para o Desenvolvimento da Televisão Comunitária*. V Curso Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Rio Claro, SP, 2000. Mimeo.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *A Imprensa regional deve ter a arte de humanizar*. GrandAmadora, Amadora, 1999.

LOPES, Dirceu Fernandes; COELHO SOBRINHO, José; PROENÇA, José Luiz (orgs). *Edição em Jornalismo Eletrônico*. São Paulo: EDICON, 2000.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. *Comunicação Popular em seus Aspectos Teóricos*. In: PERUZZO, Cicília Maria Krohling (org). *Comunicação e Culturas Populares*. Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) nº 5, 1995.

\_\_\_\_\_. *TVs Comunitárias, a experiência brasileira*. V Curso Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Rio Claro, SP, 2000 Mimeo.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

PRIOLLI, Gabriel. *Sintomas da Vigilância*. São Paulo: *Gazeta Mercantil*, 1º de março de 1999.

RAMPAZZO, Lino. *Metodologia Científica para Alunos dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação*. Lorena, SP: Stiliano, 1998.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SQUIRRA, Sebastião C. de Moraes. *Aprender Telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. *O jornalismo eletrônico no Brasil e a qualidade da informação*. São Paulo: INTERCOM Revista Brasileira de Comunicação, v. XV, nº 2, julho/dezembro de 1992.

\_\_\_\_\_. *Boris Casoy: O Âncora no Telejornalismo Brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas para o Desenvolvimento das Televisões Comunitárias Brasileiras*. V Curso Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Rio Claro, SP, 2000. Mimeo,

\_\_\_\_\_. A esgrimia da edição em telejornalismo. In: LOPES, Dirceu Fernandes; COELHO SOBRINHO José; PROENÇA José Luiz (org.). *Edição no telejornalismo*. São Paulo: EDICOM, 2000.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

VIEIRA JÚNIOR, Antonio. SPTV é jornalismo comunitário. In: LOPES, Dirceu Fernandes; COELHO SOBRINHO, José; PROENÇA, José Luiz (orgs). *Edição em Jornalismo Eletrônico*. São Paulo: EDICON, 2000.